

Canudos Velho: retratos de outro hiato brasileiro *

Old Canudos: portraits of another Brazilian hiatus

Camila Faustinoni CABELLO **

Resumo: Uma breve contextualização do que foi no passado – e do que é hoje –, a cidade de Canudos nos leva a conhecer o povoado de Canudos Velho através de fotografias de Camila Faustinoni Cabello. O material foi produzido entre 2013 e 2016, em atividades de campo, integrantes de pesquisa etnográfica transmidiática, para o curso doutorado em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Palavras-chave: Canudos; Canudos Velho; fotografia etnográfica; história da cultura brasileira; memória

Abstract: A brief contextualization of what was in the past – and what is now – Canudos city takes us to know Old Canudos village through photographs taken by Camila Faustinoni Cabello. The material was produced between 2013 and 2016, on field activities as part of an ethnographic and transmediatic doctoral degree in Education, Art and History of Culture at Mackenzie Presbyterian University.

Keywords: Brazilian's culture history; Canudos; Old Canudos; ethnographical photography; memory

1 Primeiro (hi)ato

Canudos tinha muito apropriadamente, em roda, uma cercadura de montanhas. Era um parêntesis; era um hiato. Era um vácuo. Não existia. Transposto aquele cordão de serras, ninguém mais pecava (Cunha, 2003¹).

A primeira Canudos foi apagada com fogo, em nome da ordem e do progresso (1896-1897)². Nem o orgulho patriótico nem a rebeldia sertaneja justificam tamanha investida militar contra o que era um grupo de seguidores de uma seita

* Este ensaio visual é parte da pesquisa *Os Sertões no século XXI: a beleza que Euclides não viu*, realizada pela autora para compor tese de doutorado, em fase de finalização. As considerações aqui presentes são uma síntese verbo-imagética das vivências da autora no povoado de Canudos Velho, Bahia, Brasil.

** Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestra em Educação, bacharel em Comunicação Social. Professora na Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4046772261705481>; e-mail: camilafcabello@gmail.com.

¹ Euclides da Cunha foi jornalista e escritor. Acompanhou a Guerra de Canudos, entre agosto e outubro de 1897, como correspondente de um jornal. Após a experiência, escreveu sua principal obra, *Os Sertões*, na qual, documentou fartamente o conflito com forte caracterização do cenário e pessoas envolvidas.

² Galvão (2016) aponta a existência de alguns canais de informações nos meios universitários e intelectuais, que colaboram para sobrevivência de Canudos ao esquecimento.

que, calcada no cristianismo primitivo, se apresentava como um movimento político-religioso de cunho comunista. Cerca de 25.000 pessoas foram mortas em uma das piores guerras civis da história brasileira. Este episódio histórico, além do genocídio da sub-raça, assim classificada por Euclides da Cunha (2003), continha também uma mensagem: a desobediência civil se calaria com sangue e fogo.

2 Segundo (hi)ato

Passado o recado republicano e o terror da guerra, os primeiros sobreviventes começam a reocupar as terras sobre as ruínas da Belo Monte de Antônio Conselheiro e, em 1909, forma-se a segunda Canudos. Povoado rural, com economia centrada na agricultura dos roçados perdidos na imensidão da caatinga e de umas poucas criações de gado. A república cobrava impostos, mas nada devolvia em troca: nem uma escola, nem um posto de saúde, estradas que beneficiavam apenas latifundiários.

Imagem 1: Igreja de Santo Antônio reaparece durante a seca



Fonte: A autora, 2013.

Em 1933, Canudos é reconhecida como um distrito do município de Monte Santo, a princípio; depois de Cumbé; por fim, de Euclides da Cunha.

Uma visita do presidente Getúlio Vargas em 1940 alvoroça o distrito. Decidiu-se construir um açude no exato local em que a segunda Canudos havia reerguido suas casas sobre as cinzas da primeira. As obras começam em 1951 (DNOCS, s.d.), as

expropriações e o êxodo dos habitantes também; as pessoas se espalham pelos arredores de Canudos, por Bendegó, Uauá, Euclides da Cunha e Feira de Santana. O Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS) se instala na região, trazendo o choque cultural e econômico de Canudos com o poderio governamental, mas também fazendo a região crescer.

Em 1969 as obras do Açude de Cocorobó são entregues e inauguradas, e as águas do Rio Vaza-Barris inundam completamente a segunda Canudos. Com água cobre-se o vilarejo, afogando a ponte, a igreja, as casas, os restos da guerra e da história. Ainda são questionadas as motivações para a escolha de submergir este terreno histórico. (Canário, 2002).

Imagem 2: Canudos Velho ao anoitecer



Vista do Açude de Cocorobó e da cidade de Canudos ao fundo. **Fonte:** A autora, 2016.

Nascido o açude, espalhava-se pela região a notícia da fonte preciosa de pesca artesanal. De Monte Santo, Macambira, Cansanção, de todo lado vinha gente se estabelecer ao redor na nova fonte de vida, a água. A circunvizinhança multiplicada que levou consigo o nome de distrito de Canudos, desvinculou-se de Euclides da Cunha e foi elevada a município no ano de 1985; com 3.214.223 km², abriga o Parque Estadual de Canudos e, em 2015, teve uma população estimada em cerca de 17.100 habitantes.

Durante este período, vários povoados erigiram-se em torno do Cocorobó, que, quando está em seu nível normal, mantém submerso o que restou das duas

primeiras Canudos. No lugar mais próximo de onde estão as ruínas alagadas, tomou parte um destes povoados, que se deu por chamar Canudos Velho.

3 Terceiro (hi)ato

Canudos Velho é um povoado de pescadores e agricultores artesanais que faz parte do município de Canudos. Devido à grande proximidade geográfica das duas primeiras Canudos (fica a cerca de um quilômetro de distância de suas ruínas), o local acabou ligando seus novos habitantes, os pescadores, com a história da guerra, por meio de objetos.

Quando cheio, o Açude de Cocorobó chega a 4 km de largura e abriga tilápias, tucunarés, traíras e camarões, mantidos pelos criatórios de piscicultura do DNOCS. Fora do período de defeso (janeiro a março), a pesca rende o alimento e parte da renda do povoado.

Imagem 3: Casal de pescadores prepara suas redes na Praça de Canudos Velho.



Fonte: A autora, 2016

Porém, um dos fatores climáticos contrários à sustentabilidade dos açudes nos sertões é que as altas temperaturas evaporam grandes quantidades de água e, assim, sem chuva e com longos períodos em evaporação, eles se esvaziam, minando a pesca e a fonte de água.

O vazio traz à tona a antiga ponte (imagem 4) e as ruínas da igreja da segunda Canudos (imagem 5); também reaparecem a base de um canhão do exército, uma matadeira alemã (imagem 6), o muro do cemitério, a base de pedra do cruzeiro, partes de construções, resquícios da primeira Canudos.

Imagem 4: A ponte de acesso à primeira Canudos



A Ponte fica submersa em tempos de cheia e se descobre em tempos de seca. Erva-canudo em primeiro plano. **Fonte:** A autora, 2013

Imagem 5: Detalhe da Igreja de Santo Antônio de 1909, parte da segunda Canudos



Fonte: A autora, 2013

Imagem 6: Base de canhão matadeira alemã da Guerra de Canudos e base de edificação da primeira Canudos



Fonte: A autora, 2013

Desde sua inauguração, em 1969, períodos de grandes e longas secas aconteceram no Cocorobó já na década de 1970, por duas vezes na década de 1990, em 2000 e de 2012 a 2015, o que mostra a força do semi-árido dos sertões baianos.

Em 1994, uma equipe de arqueólogos³ passou 20 dias escavando o material que viria a compor o acervo do Memorial Antônio Conselheiro, mantido pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB) no centro do município de Canudos.

Apesar desta ação, restos arqueológicos continuaram sendo encontrados pelos moradores de Canudos Velho nos arredores do povoado e, aos poucos, foram reunidos por iniciativa de Manoel Travessa, um dos primeiros pescadores a se instalar no local, que se sensibilizou com a preservação dos objetos históricos aparecidos na região. Manoel começou a juntar os achados que hoje compõem o acervo de um pequeno museu que ele construiu e mantém, sem nenhum tipo de fomento ou orientação profissional: o Museu Histórico de Canudos (imagens 7 e 8).

As informações oficiais existentes e aqui relatadas foram levantadas *in loco* e estão disponíveis apenas na Secretaria de Saúde do município de Canudos, que faz o

³ Sobre as escavações arqueológicas do final do séc. XX em Canudos ver Zanetini (2003).

Imagem 7: Museu Histórico de Canudos, em Canudos Velho



Fonte: A autora, 2016

Imagem 8: Detalhe do interior do Museu Histórico de Canudos



Fonte: a autora, 2016

acompanhamento da comunidade através do trabalho de uma agente de saúde comunitária no povoado e do Programa de Saúde da Família com uma equipe multidisciplinar que atende todo o município.

Canudos Velho começou sua formação no final da década de 1960; o povoado hoje é composto por 112 famílias, tendo uma única escola que atende, em média, 65 estudantes de Ensino Fundamental I e II, divididos em três salas multisseriadas.

Materiais para a construção de um pequeno posto de saúde foram doados por uma ONG e ele foi construído em mutirão pela comunidade; a unidade recebeu algumas ações de atendimento pontual, mas, somente no ano de 2014, o posto passou a receber uma médica, através do programa do governo federal Mais Médicos, para atendimentos quinzenais no local.

Não há saneamento básico. Água encanada, esgoto tratado e coleta de lixo não fazem parte da realidade de Canudos Velho. O único serviço de transporte público disponível é um ônibus escolar que faz o trajeto de 28 km até o centro de Canudos duas vezes ao dia, apenas durante o período letivo.

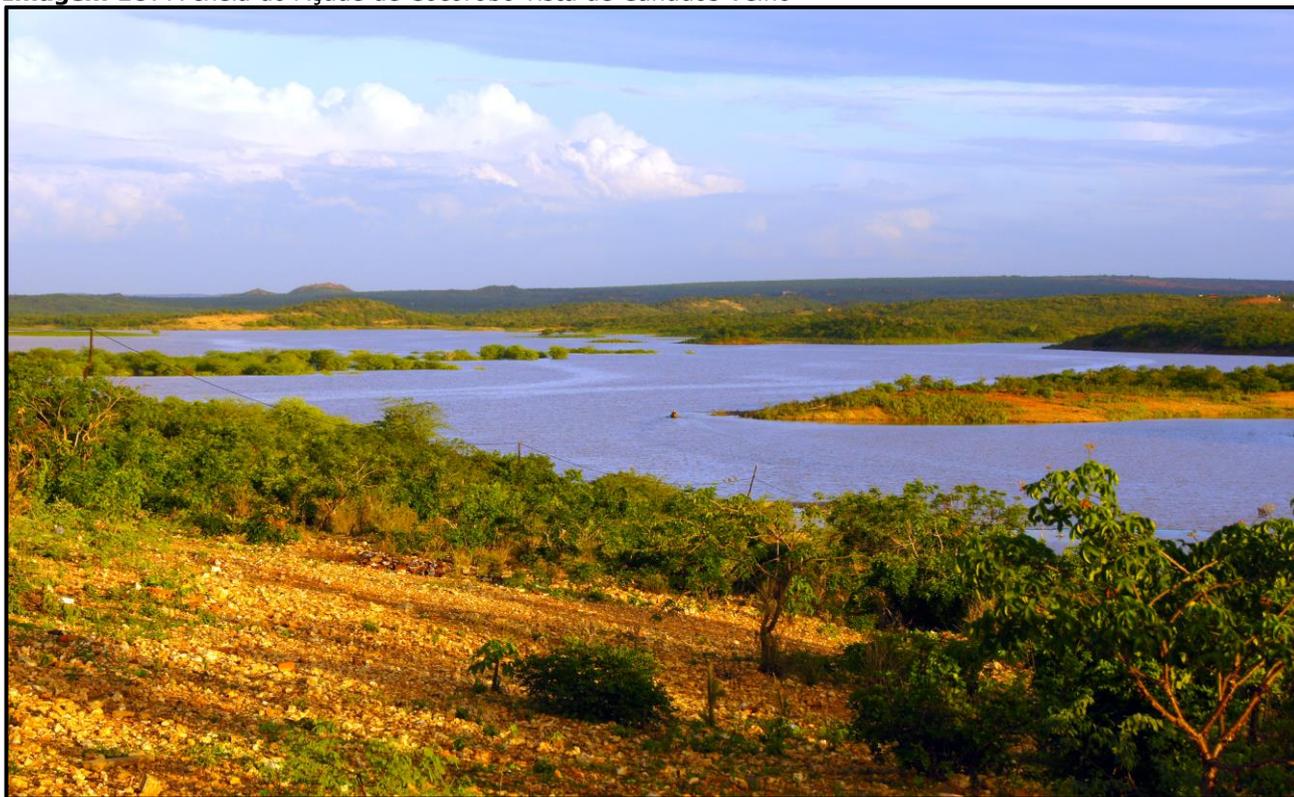
A falta de perspectivas leva a população jovem a cidades maiores, às próximas ou aos grandes centros urbanos do país, em busca de trabalho, estudo e melhores condições de vida. Apesar existir sem registros oficiais e sem acesso aos direitos básicos, Canudos Velho existe e resiste.

Imagem 9: Crianças brincam na Praça de Canudos Velho



Fonte: a autora, 2014

Imagem 10: A cheia do Açude de Cocorobó vista de Canudos Velho



Fonte: a autora, 2016

Referências

- Canário, E. (2002). *Canudos sob as águas da ilusão*. Salvador: CEEC; UNEB.
- Cunha, E. da (2003). *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Departamento Nacional de Obras contra as Secas (s.d.). *Açude Cocorobó*. Recuperado de <http://www.dnocs.gov.br/barragens/cocorobo/cocorobo.htm>
- Galvão, W. N. (2016, fevereiro, 25). Missão em Canudos-II. *GGN: o jornal de todos os Brasis*. Recuperado de <http://jornalggn.com.br/noticia/missao-em-canudos-ii-por-walnice-nogueira-galvao>
- Zanettini, P. E. (2003, setembro, 10). Arqueologia na caatinga: arqueologia de Canudos, em Canudos ou para Canudos? *ComCiência*. Recuperado de <http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq19.shtml>